

**Coordenação:**

Dr. Héctor Ricardo Leis

**Vice-Coordenação:**

Dr. Selvino J. Assmann

**Secretaria:**

Liana Bergmann

**Editores Assistentes:**

Doutoranda Brena Magno Fernandez

Doutoranda Sandra Makowiecky

**Linha de Pesquisa**

A CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

RAFAEL RAFFAELLI

**Vínculos entre Psicanálise e Fenomenologia**

N 28 - Setembro 2002

**Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**

A coleção destina-se à divulgação de textos em discussão no PPGICH. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e do programa

## Vínculos entre Psicanálise e Fenomenologia

\*Rafael Raffaelli

**Resumo:** A relação entre psicanálise e fenomenologia é analisada tendo como base os trabalhos de Freud e Husserl. São discutidas as implicações da distinção entre ciências compreensivas e ciências explicativas sobre a teoria psicanalítica. São feitos alguns comentários sobre a epistemologia da psicanálise. É revisto o criticismo dos filósofos fenomenológicos sobre os fundamentos empíricos da metodologia psicanalítica. A exegese é considerada como o ponto de conexão entre a psicanálise e a fenomenologia, ambas as teorias visando a interpretar a existência humana, a primeira focalizando a sexualidade e a última focalizando a ontologia. Algumas das divergências teóricas entre psicanálise e fenomenologia foram solucionadas nos trabalhos de Lacan.

**Palavras-chave:** psicanálise, fenomenologia, epistemologia, ontologia, inconsciente.

**Abstract:** The relationship between psychoanalysis and phenomenology are analysed in the basis of Freud's and Husserl's works. The implications of the distinction between comprehensive sciences and explicative sciences on the psychoanalytic theory are discussed. Some remarks are made on the epistemology of psychoanalysis. The criticism of the phenomenological philosophers on the empirical foundations of the psychoanalytic methodology is reviewed. The exegesis is considered as the connection point of psychoanalysis and phenomenology, both theories aiming to interpret the human existence, the former focusing on sexuality and the later focusing on ontology. Some of the theoretical divergences between psychoanalysis and phenomenology are solved in Lacan's works.

**Key-words:** psychoanalysis, phenomenology, epistemology, ontology, unconscious.

---

\*Doutor em Psicologia PUC/SP

Professor Titular do Departamento de Psicologia UFSC

Professor do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas UFSC

## Vínculos entre Psicanálise e Fenomenologia

Na obra de Freud, não se encontra uma citação ou um reconhecimento da fenomenologia, embora o primeiro tomo das *Investigações Lógicas (Logische Untersuchungen)* de Husserl tenha sido editado em 1900, mesma data da *Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*. Por outro lado, Husserl cita criticamente a psicanálise - denominando-a "psicologia das profundezas" - na *Krisis*, obra escrita em 1935 e publicada em 1954, para repudiar qualquer aproximação de suas teorias com essa doutrina (Husserl 1976 [1954], p.267).

Para melhor entendermos esse desconhecimento e essa divergência, para afinal levantarmos as similitudes e diferenças, temos primeiramente que analisar como o tema do sentido e da compreensão surge nas ciências e na filosofia.

A questão do sentido nas ciências levou a uma distinção entre as *Naturwissenschaften* e *Geisteswissenschaften*, que se fundava numa dicotomia entre a esfera da natureza, tratável pelo método galileano, e a esfera da história e do homem, que exigia uma metodologia diferenciada. As primeiras visam explicar (*erklären*) e as segundas compreender (*verstehen*). Dilthey é o primeiro filósofo a teorizar sobre o método nas ciências do espírito, afirmando a impossibilidade de se explicar exteriormente o espírito, restando compreendê-lo. Rickert e Windelband fazem, após 1894, a distinção entre ciências da cultura (nomotéticas) e ciências da natureza (ideográficas). Em 1913, Jaspers aplica à psicopatologia a distinção entre explicar a organicidade de certos sintomas e compreender o sentido íntimo de outros (*vide* Assoun 1983, pp.45-7).

Foucault assim define essa questão:

Esse tema da compreensão oposto à explicação, foi retomado pela fenomenologia que, seguindo Husserl, fez da descrição rigorosa do vivido o projeto de toda a filosofia tida como

ciência. O tema da compreensão conservou sua validade; mas, em vez de fundamentá-la em uma metapsicologia do espírito, como Dilthey, a fenomenologia estabeleceu-a sobre uma análise do sentido imanente a toda experiência vivida. Assim, Jaspers pôde distinguir nos fenômenos patológicos os processos orgânicos referidos à explicação causal, e as reações ou os desenvolvimentos da personalidade que envolvem uma significação vivida de que o psiquiatra deve ter a tarefa de compreender. Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância à significação do que a psicanálise. Sem dúvida, ela ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. (...) A importância histórica de Freud vem, sem dúvida, da impureza mesma de seus conceitos: foi no interior do sistema freudiano que se produziu essa reviravolta da psicologia; foi no decorrer da reflexão freudiana que a análise causal transformou-se em gênese das significações, que a evolução cede seu lugar à história, e que o apelo à natureza é substituído pela exigência de analisar o meio cultural. (Foucault 1999, pp.129-30)

Husserl pensava que esse esquema que distingue ciência descritiva e ciência explicativa-teórica - precisado por Brentano e Dilthey no que se refere à psicologia - não encontra aplicação efetiva. Pois, partindo da crítica do prejulgamento naturalista e fisicista que era a base de toda psicologia de seu tempo, Husserl apontou para o conceito de experiência, que abrange os aspectos anímicos e somáticos do vivido humano. E, quanto à natureza da interpretação, ponderou que a distinção entre disciplinas descritivas e explicativas torna-as dicotômicas, não levando em conta o fundamento ôntico que as une (Husserl 1976[1954], pp.250-1).

Entre 1833 e 1838 é editado o *Manual de Fisiologia Humana* de Müller, formulando a teoria da energia específica dos nervos que vai revolucionar a neurologia e formar o pensamento dos fisiologistas alemães que foram os mentores científicos e acadêmicos de Freud: Du Bois-Reymond, Virchow, Helmholtz, Brücke. Para eles, o agnosticismo seria o postulado obrigatório da psicologia para tornar-se uma ciência (psicologia sem alma), baseada nas estruturas anatômicas e nos processos fisiológicos. Wundt, fundador da psicologia experimental européia por volta de 1860, é formado por Helmholtz e teria sido, na opinião de Haeckel, o pioneiro na aplicação da lei da conservação da energia ao domínio psíquico. Eles se dividiam em duas escolas de

pensamento: os empíricos, representados por Helmholtz, e os nativistas, representados por Hering. Tratava-se de determinar se o conhecimento do espaço era inato ou resultado da experiência. Müller propusera a questão, inclinando-se a uma teoria nativista da percepção, conferindo aos receptores sensoriais um valor constitutivo na representação do real (*vide* Assoun 1983, p.70).

Mesmo nas teorizações mais tardias de Freud sobre o aparelho psíquico pode-se observar esse dilema entre o nativismo e o empirismo na análise da percepção, como é o caso de suas dúvidas acerca da fórmula 'Pcpt.=Cs.' (percepção igual consciência).

A teoria do conhecimento em que se baseia a psicanálise poderia ser descrita metaforicamente como uma 'colcha de retalhos epistemológica', na medida que é uma conjunção entre metodologias heterogêneas. A dinâmica freudiana foi construída tendo em conta o modelo construído pelo filósofo alemão Herbart no início do século XIX. Para Herbart a *psique* é passível de investigação porque é composta de representações (*Vorstellungen*), que são mensuráveis; seu princípio elementar é que todos os fatos psicológicos são representações. Outra influência marcante foi Fechner, considerado o fundador da psicofísica por volta de 1860, de quem Freud retirou os princípios de sua energética psíquica (*vide* Strachey *in* Freud 1987[1915], p.186).

Freud encara a psicanálise como ciência da natureza que visa explicar os fatos psíquicos: para ele não há outra forma de ciência. O fundamento da epistemologia freudiana é um monismo que insiste na unidade fundamental da natureza orgânica e inorgânica, entre matéria e espírito.

Portanto, vamos encontrar, na base da epistemologia freudiana, um monismo caracterizado e radical. Este termo 'monismo' não é fortuito: remete-nos a uma corrente que, face à tradição rickertiana, decididamente dualista, sustenta um monismo epistemológico rigoroso. Para Haeckel, o monismo tem por efeito recusar a separação de duas substâncias distintas que seriam caracterizadas como 'alma' e 'corpo'. (Assoun 1983, p.51)

O modelo de conhecimento científico de Freud é a anatomia e a fisiologia apoiadas no método físico-químico e, assim sendo, sua concepção do estatuto epistemológico da ciência do psiquismo é reducionista. E é em referência a uma química energética que Freud afirma a analogia psicanálise/química. Desse modo, a manipulação bioquímica seria o futuro - ou o fim - da psicanálise: "todas as nossas idéias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa estrutura orgânica" (Freud 1987[1914b], p.95).

É em Paris, no hospital Salpêtrière, que se opera uma mudança decisiva na perspectiva estritamente fisiológica de Freud quando, a partir de 1886, ele traduz as *Lições* de Charcot. Nesse momento, inicia-se a gestação do conceito de inconsciente e do primado da sexualidade, central em sua obra.

Charcot de súbito irrompeu com grande animação: "*Mais, dans des cas pareils, c'est toujours la chose génitale, toujours... toujours... toujours*", e cruzou os braços sobre o estômago, abraçando-se a si mesmo e pulando para cima e para baixo na ponta dos pés várias vezes com a animação que lhe era característica. Sei que por um momento fiquei quase paralisado de assombro e disse para mim mesmo: "mas se ele sabe disso, por que não diz nunca?". Mas a impressão logo foi esquecida; a anatomia do cérebro e a indução experimental de paralisias histéricas absorviam todo o meu interesse. (Freud 1987[1914a], p.24)

Entretanto, o objeto da psicanálise, o inconsciente, pode ser assimilado ao conceito da "coisa em si" (*noumeno*) da filosofia de Kant, aquilo que não pode ser qualificável: "os fenômenos são apenas representações de coisas, que são desconhecidas quanto ao que podem ser em si" (Kant 1989[1781], p.167). Isso gera o paradoxo da epistemologia freudiana: a psicanálise é ciência da natureza e tem por objeto o inconsciente; discorrer sobre o inconsciente é discorrer sobre a coisa-em-si, isto é, sobre o incognoscível. Portanto, a psicanálise seria a ciência do incognoscível, embora, como nota Freud em *O Inconsciente*

(*Das Unbewusste*), "os objetos internos são menos incognoscíveis do que o mundo externo" (Freud 1987[1915], p.197).

A solução desse dilema está em afirmar um limite absoluto para o conhecimento analítico no qual as significações são tão enredadas que se tornam indecifráveis: "esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido" (Freud 1987[1900], p.482). Daí a pretensa ligação da psicanálise com a superstição e o esoterismo, que Freud assim responde:

Creio no acaso (real) externo, sem dúvida, mas não em casualidades (psíquicas) internas. (...) São duas as diferenças entre mim e o supersticioso: primeiro, ele projeta para fora uma motivação que eu procuro dentro; segundo, ele interpreta mediante um acontecimento o acaso cuja origem atribuo a um pensamento. Mas o oculto para ele corresponde ao que para mim é inconsciente, e é comum a nós dois a compulsão a não encarar o acaso como acaso, mas a *interpretá-lo*. O obscuro reconhecimento (...) dos fatores psíquicos e das relações do inconsciente espelha-se (...) na construção de uma *realidade sobrenatural*, que se destina a ser retransformada pela ciência na *psicologia do inconsciente*. Poder-se-ia ousar explicar dessa maneira os mitos do paraíso e do pecado original, de Deus, do bem e do mal, da imortalidade, etc., e transformar a *metafísica* em *metapsicologia*. (Freud 1987[1905], pp.223-4)

Vale dizer que Freud nunca supôs a psicanálise como uma disciplina separada da psicologia: "a psicanálise é uma parte da psicologia" (Freud 1987[1927], p.286). Inclusive chega a sustentar que a "primeira ponte ligando a psicologia experimental à psicanálise" tenha sido levantada pelo trabalho de Wundt sobre as associações (Freud 1987[1914a],p.39). Advertiu, inclusive, contra a tentação dos psicanalistas em "flertar com a endocrinologia e o sistema nervoso autônomo, quando aquilo de que se necessita é de uma percepção de fatos psicológicos com a ajuda de uma estrutura de conceitos psicológicos" (Freud 1987[1927],p.292). Desse modo, a psicanálise se tornaria o "elo" entre a psiquiatria e os demais ramos das ciências mentais (Freud 1987[1926], p.307).

Contudo, apesar das questões levantadas anteriormente, Freud em um de seus últimos trabalhos retoma a idéia de uma psicologia autônoma frente à ciência natural, que

inclusive englobaria a sociologia: "pois também a sociologia, lidando, como é de seu ofício, com o comportamento das pessoas em sociedade, não pode ser senão psicologia aplicada. Estritamente falando, só há duas ciências: psicologia, pura ou aplicada, e ciência natural" (Freud 1987[1933], p.217-8).

Essa colocação remete-se à distinção entre ciências naturais e ciências do espírito, como se Freud - cumprido o trajeto de sua obra - reconhecesse a inevitabilidade do campo próprio à psicologia e às demais ciências humanas.

E se, como Husserl afirmava, "la fenomenología constituye el esencial fundamento eidético de la psicología y de las ciencias del espíritu" (Husserl 1986[1913], p.47), então torna-se mais evidente a conexão fenomenologia-psicanálise.

A revisão freudiana dos anos 20, com o advento da teoria metapsicológica, aproxima a concepção dinâmica da psicanálise de algumas propostas da fenomenologia, como pode ser notado na obra de Lewin, que busca uma conexão entre essas teorias através do emprego da topologia matemática em sua teoria de campo inspirada na Gestalt (Lewin 1965[1944], p.36; Lewin 1975[1933], p.181).

Já na filosofia francesa é Dalbiez que, a partir de 1936, inicia a crítica da epistemologia freudiana. Duas décadas mais tarde, Hyppolite critica a carência de dialética das teses freudianas e, nesse sentido, à filosofia caberia depurar o caráter positivista inerente à teoria psicanalítica. As aquisições essenciais da psicanálise seriam, então, a interpretação dos fenômenos de consciência como significativos e a idéia de totalidade significativa. A tarefa da psicanálise seria a exegese (*Auslegung*) do psiquismo humano numa perspectiva histórica, tendo a clínica como referência fenomenológica.

A leitura, a exegese de um contexto psicológico implicam uma espécie de esquecimento fundamental - inclusive esquecimento do esquecimento - que é preciso conseguir superar. Mas o esquecimento não é o desaparecimento puro e simples. Digamos então que a psicanálise nos abriu

uma nova dimensão na exploração concreta das existências humanas; trata-se de decifrar os símbolos de uma consciência, os enigmas que são enigmas para aqueles que os vivem. (Hyppolite 1971, p.39)

Para Ricoeur o problema central na epistemologia inerente às teorias freudianas está na coexistência da energética ( sistema tópico-econômico) e a hermenêutica. O *Projeto* de 1895 seria o exemplo por excelência de uma “energética sem hermenêutica”. Aí que está o busílis, segundo ele, na aporia entre uma descrição das forças psíquicas segundo um modelo "hidráulico" - fundado na física newtoniana - e a interpretação do sentido.

É interpretando-a (...) que a psicanálise se inscreve na cultura. (...) Interpretar significa ir de um sentido manifesto a um sentido latente: a interpretação se move inteiramente em relações de sentido e só compreende as relações de força (recalque, retorno do recalcado) como relação de sentido (censura, despistamento, condensação, deslocamento); por isso, ninguém contribuiu mais que Freud para romper o charme do fato e para reconhecer o império do sentido. Todavia, Freud continua a inscrever todas as suas descobertas nesse mesmo contexto positivista que, no entanto, vinham arruinar. A esse respeito, o modelo "econômico" (...) terá encorajado a transcrever todas as relações de "sentido" na linguagem de uma hidráulica mental. Pelo primeiro aspecto, o da descoberta, Freud quebra o quadro positivista da explicação; pelo segundo, o da teorização, reforça esse quadro e autoriza o ingênuo "energetismo mental" que grassa com muita freqüência na escola. (Ricoeur 1978[1969], pp.122-5)

Ricoeur insiste também que a psicanálise não cumpre os critérios de cientificidade das ciências naturais segundo as leis do positivismo, pois suas 'leis' não são passíveis de serem analisadas em termos de variáveis, pois "em psicanálise não há 'fatos', no sentido das ciências experimentais" (Ricoeur 1978[1969], p.159).

A cientificidade da psicanálise - analisada pelo viés positivista no sentido oposto à abordagem de Ricoeur - é também o fulcro das críticas metodológicas de Pöpper (1962), retomadas por teóricos posteriores: "*psychoanalysis has much more in common with astrology than with the genuine sciences*" (Grünbaum 1979, p.132), quer dizer, a psicanálise é uma disciplina tautológica. E esse é o mesmo tipo de crítica que Wundt fazia a Husserl, de provar apenas que "A=A" (Husserl 1986[1913], p.346n).

Contudo, esse pretense 'fracasso' da psicanálise - ou da fenomenologia -, do ponto de vista de uma epistemologia positivista e do experimentalismo, deve ser entendido em conjunção com o fracasso da psicologia dita 'objetiva' em estabelecer qualquer tipo de lei. As novas concepções trazidas pela relatividade e a pela teoria quântica no campo da física colocaram em cheque o fisicalismo psicológico, dando vigor às disciplinas 'subjetivas' ou 'interpretativas', mas isso não deve ser encarado como uma "*victoire de l' 'intérieur' sur l' 'extérieur', et du 'mental' sur le 'matériel', mais comme un appel à la revision de notre ontologie, au réexamen des notions de 'sujet' et de 'object'.*" (Merleau-Ponty 1964, p.41).

A busca pelo significado, esse trabalho de exegese da *psique*, é o que aproxima psicanálise e fenomenologia. Esse trabalho de interpretação é necessário, pois o homem não se constitui apenas em partícipe do mundo, mas é o ponto de origem da reflexão. A questão do ser - ponto nodal da filosofia - é o que permite complementar a visão empírica da psicanálise. No dizer de Merleau-Ponty: "Freud considera a emoção como uma ação ou uma realização simbólica. Também ele mostra (e sabemos que é esta a fórmula que melhor permite aproximá-lo dos fenomenólogos) que 'os fatos psíquicos tem um sentido', devendo ser decifrados" (Merleau-Ponty 1973, p.37).

A psicanálise e a fenomenologia seriam, assim, hermenêuticas do humano, que visam decifrar o subtexto de toda realização do homem. A diferença fundamental entre essas duas doutrinas é que a psicanálise está preocupada em decifrar a sexualidade, como motor último de toda realização psíquica, enquanto a fenomenologia dirige-se para a investigação ontológica.

La 'fenomenologia hermenêutica' habrá de decifrar pues el sentido del texto de la existencia, ese sentido que precisamente se oculta en la manifestación de lo dado. Y hasta quizá quepa encontrar aquí una analogia con el psicoanálisis, que es también un desciframiento de la existencia, una elucidación del sentido profundo que entrañan, sin conocerlo, los dados inmediatos del psiquismo. (Dartigues 1981, p.149)

Pode-se afirmar, então, que existem analogias entre as duas escolas, pois partem ambas do cotidiano e postulam a decifração de um esquecimento, postulando uma exegese. As diferenças decorrem da base empírica da psicanálise, a prática clínica, enfocada na sexualidade, enquanto a fenomenologia volta-se para a questão existencial, da contextualização do ser em suas origens e em seu sentido, tal como Freud analisa os sonhos, sintomas e atos falhos.

Contudo, essa confluência poderia ser mais notável se aceitarmos a tematização proposta por Merleau-Ponty:

A fenomenologia não é uma filosofia da consciência clara, mas a actualização contínua e impossível dum Ser onírico, por definição escondido; a psicanálise deixa, graças, sobretudo, aos trabalhos do Dr.Lacan, de ser incompreendida na qualidade de psicologia do inconsciente: tenta articular "esse intemporal, esse indestrutível em nós, que é, diz Freud, o próprio inconsciente". (Merleau-Ponty *apud* Lyotard 1986, p.70)

Efetivamente, se a fenomenologia puder ser encarada como ciência da consciência obscura e, por outro lado, a psicanálise como ciência do inconsciente (*Unbewusste*) ou do desconhecido (*Unbekannte*) pela consciência (Freud 1987[1905], p.207), ambas em busca do sentido oculto da existência, pode ser dito que muito pouco as separa quanto ao método e ao objeto. Fora dogmatismos de ambas as partes, a busca pela compreensão do sentido particular de uma existência pode ser realizada por um caminho ou por outro e desembocar no mesmo oceano.

Como Merleau-Ponty indica, parte desse trajeto foi cumprido por Lacan, que visou suprir em seu pensamento as deficiências epistemológicas do pensamento freudiano, justamente pelo contato com filósofos de inspiração fenomenológica, que, inclusive, acabaram por participar em suas obras, como foi o caso de Hyppolite em *O Seminário* de 1953-1954 (Lacan 1975).

E, embora tenha repudiado uma aproximação entre psicanálise e fenomenologia, o próprio Husserl admitiu minimamente uma "intencionalidade inconsciente" quando trata das implicações de seu conceito de consciência de horizonte (Husserl 1976[1954], p.267).

Finalizando, tomando-se em conta o campo da psicologia como um todo, a psicanálise e a fenomenologia pertencem ao mesmo extrato teórico e exibem grande afinidade e complementariedade em muitos aspectos, tanto na metodologia como no alcance de suas doutrinas, distanciando-se da visão epistemológica das teorias comportamentais e neurofisiológicas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Assoun, Paul-Laurent 1983: *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Trad.: Hilton Japiassu.

Rio de Janeiro, Imago.

Dartigues, André 1981: *La Fenomenología*. Barcelona, Editorial Herder.

Foucault, Michel 1999: *Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*.

Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Freud, Sigmund 1987: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 24 v. 2ª edição. Rev. trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Imago.

\_\_\_\_\_ 1900: *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*. v.V.

\_\_\_\_\_ 1905: *Os Chistes e Sua Relação Com o Inconsciente (Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten)*.v.VIII.

\_\_\_\_\_ 1914a: *A História do Movimento Psicanalítico (Zur Geschichte der Psychoanalytischen Bewegung)*. v.XIV.

\_\_\_\_\_ 1914b: *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (Zur Einführung des Narzissmus)*. v.XIV.

- \_\_\_\_ 1915: *O Inconsciente (Das Unbewusste)*. v.XIV.
- \_\_\_\_ 1926: *Psicanálise (Psychoanalyse)*. v.XX.
- \_\_\_\_ 1927: *Pós-Escrito - A Questão da Análise Leiga (Die Frage der Laienanalyse)* [1926]. v.XX.
- \_\_\_\_ 1933: *Novas Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse)*. v.XXII.
- Grünbaum, Adolf 1979: Is Freudian Psychoanalytic Theory Pseudo-Scientific by Karl Pöpper's Criterion of Demarcation? *American Philosophical Quarterly*, vol. 16, n. 2, pp.131-141.
- Hyppolite, Jean 1971[1955]: *Ensaio de Psicanálise e Filosofia*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro, Taurus.
- Husserl, Edmond 1976[1954]: *La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendentale*. Paris, Gallimard.
- \_\_\_\_ 1986[1913]: *Ideas Relativas a una Fenomenologia Pura y una Filosofia Fenomenológica*. México, Fondo de Cultura Económica.
- Kant, Immanuel 1989[1781]: *Crítica da Razão Pura*. Trad.: Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Mourão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lacan, Jacques 1975: *Le Séminaire de Jacques Lacan - Livre 1: Les écrits techniques de Freud - 1953-1954*. Paris, Éditions du Seuil. (Tr. br.: *O Seminário de Jacques Lacan. Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud 1953-1954*, de Betty Milan, Rio de Janeiro, Zahar, 1983).
- Lewin, Kurt 1965[1944] *Construções na Teoria de Campo in Lewin, Kurt 1965[1951] Teoria de Campo em Ciência Social*. Trad.: Carolina M. Bori. São Paulo, Pioneira.

- \_\_\_\_\_. 1975[1933] *Teoria Dinâmica da Personalidade*. Trad.: Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix.
- Lyotard, Jean-François 1986: *A Fenomenologia*. Trad.: Armindo Rodrigues. Lisboa, Edições 70.
- Merleau-Ponty, Maurice 1964: *Le Visible et le Invisible*. Paris: Gallimard. (Tr. br.: *O Visível e o Invisível*, de José A. Gianotti e Armando M. d'Oliveira, São Paulo, Perspectiva, 1971, p.32).
- \_\_\_\_\_. 1973: *Ciências do Homem e Fenomenologia*. Trad.: Salma T. Muchail. São Paulo, Saraiva.
- Pöpper, Karl R. 1962: *Conjectures and Refutations: The Growth of Scientific Knowledge*. New York, Basic Books.
- Ricoeur, Paul 1978[1969]: *O Conflito das Interpretações: Ensaio de Hermenêutica*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago.
- Strachey, James 1987: Nota do Editor Inglês in Freud, Sigmund 1987[1915]: *O Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago, v.XIV.